

6 POETAS NORTE-AMERICANOS CONTEMPORÂNEOS

Traduzidos por **Luiz Antônio Gusmão**

Susan Stewart

GELO E ESTRELAS AMARELAS

Eu estou longe como, entre nuvens, o céu mais profundo
e tu estás longe como a raiz e a ferida mais profundas,
estou longe como o trem ao fim da tarde,
tão longe como silvo que não podes ouvir ou lembrar.
Estás longe como um animal inimaginável
que, amedrontado por tudo, nunca aparece.
Estou longe como grilos e cigarras
e estás longe como a flecha mais límpida
que costurou o vento na luz sobre
as bétulas. Estou longe como o sono dos rios
que borra, entre nuvens, o céu mais profundo,
tu estás longe como invenção; eu, como recordação.

Estás longe como um riacho vermelho-sangue
onde crianças cortam os pés nas pedras
e choram. E estou longe como suas mães
felizes, a estender roupas brancas na grama
e a cantar: “Estás tão longe como outra vida,
Como outra vida tão longe estás.”
E estou longe como um alfabeto infinito
feito de gelo e estrelas amarelas,
e estás longe como as unhas do morto,
tão longe quanto um marujo enxerga à noite
quando está bêbado e a lua é um copo vazio,
eu estou longe como invenção; tu, como recordação.

Estou longe como os cantos de uma sala em que ninguém
nunca falou, tão longe como os quatro cantos perdidos
do mundo. E estás longe como a voz
dos mudos, como os membros quebrados de santos
e soldados, como a asa escarlate do melro-preto
suicida, eu estou longe, cada vez mais longe de ti.
E estás tão longe quanto um cavalo sem cavaleiro
pode correr em seis anos, dois meses e cinco dias.
Estou tão longe como aquele cavaleiro, que esfrega os olhos
com as mãos calejadas, que assiste a um fantasma tomar-lhe

a capa e as botas, e que agora resta nu na estrada.
Tão longe como o espaço entre uma palavra e outra,
como o pesado sono do perfeitamente amado
e a sirenes das guerras que os vivos não recordam,
tão longe como esta sala, onde não se proferiu palavra,
tu estás longe como invenção; eu, como recordação.

YELLOW STARS AND ICE

I am as far as the deepest sky between clouds
and you are as far as the deepest root and wound,
and I am as far as a train at evening,
as far as a whistle you can't hear or remember.
You are as far as an unimagined animal
who, frightened by everything, never appears.
I am as far as cicadas and locusts
and you are as far as the cleanest arrow
that has sewn the wind to the light on
the birch trees. I am as far as the sleep of rivers
that stains the deepest sky between clouds,
you are as far as invention, and I am as far as memory.

You are as far as a red-marbled stream
where children cut their feet on the stones
and cry out. And I am as far as their happy
mothers, bleaching new linen on the grass
and singing, "You are as far as another life,
as far as another life are you."
And I am as far as an infinite alphabet
made from yellow stars and ice,
and you are as far as the nails of the dead man,
as far as a sailor can see at midnight
when he's drunk and the moon is an empty cup,
and I am as far as invention and you are as far as memory.

I am as far as the corners of a room where no one
has ever spoken, as far as the four lost corners
of the earth. And you are as far as the voices
of the dumb, as the broken limbs of saints
and soldiers, as the scarlet wing of the suicidal
blackbird, I am farther and farther away from you.
And you are as far as a horse without a rider
can run in six years, two months and five days.
I am as far as that rider, who rubs his eyes with
his blistered hands, who watches a ghost don his
jacket and boots and now stands naked in the road.

As far as the space between word and word,
as the heavy sleep of the perfectly loved
and the sirens of wars no one living can remember,
as far as this room, where no words have been spoken,
you are as far as invention, and I am as far as memory.

May Swenson

PERGUNTA

Corpo minha casa
meu cavalo meu cão
que hei de fazer
quando estiveres no chão

Onde hei de dormir
Como irei cavalgar
O que vou caçar

Para onde irei
Sem montaria
bem ávido e rápido
Como hei de saber
se nas moitas à frente
há perigo ou tesouro
quando Corpo meu bom
e fiel cão morrer

Como será
deitar-me no céu
sem teto nem porta
nem janela para olhar

Com nuvens a passar
como me esconder?

QUESTION

Body my home
my horse my hound
what will I do
when you are fallen

Where will I sleep
How will I ride
What will I hunt

Where can I go
without my mount
all eager and quick
How will I know

in thicket ahead
is danger or treasure
when Body my good
bright dog is dead

How will it be
to lie in sky
without roof or door
and wind for an eye

With cloud for shift
how will I hide?

Kay Ryan

PACIÊNCIA

A paciência é mais
vasta do que
já se imaginou:
com suas faixas
de rios
e longas
distâncias,
tarefas assumidas
e cumpridas
com discreta
satisfação por
nativos em suas
vestes nativas.
Quem poderia
imaginar
ser possível
que a espera
fosse suportável –

um lugar com
suas próprias colheitas.
Ou que na
plenitude das horas
os diamantes
da paciência
seriam
indistinguíveis
dos verdadeiros
em brilho
e dureza.

PATIENCE

Patience is
wider than one
once envisioned,
with ribbons
of rivers
and distant
rangers and
tasks undertaken
and finished
with modest
relish by
natives in their
native dress.
Who would
have guessed
it possible
that waiting
is sustainable—
a place with
its own harvests.
Or that in
time's fullness
the diamonds
of patience
couldn't be
distinguished
from the genuine
in brilliance
or hardness.

Donald Hall

OURO

Ouro claro das paredes, ouro
dos cernes de margaridas, rosas amarelas
comprimidas em um jarro claro. O dia inteiro
passamos na cama, minha mão
colhendo o profundo
ouro de suas costas e quadris.
Nós dormimos e despertamos,
adentramos juntos a sala dourada,
nela deitamos, respirando
rápido, então
devagar novamente,
acariciando e adormecendo, sua mão sonolentemente
toca meu cabelo agora.

Nós construímos naqueles dias
pequenas e idênticas salas em nossos corpos
as quais os homens que descobrirem nossos túmulos
encontrarão daqui a mil anos
repletas e brilhantes

GOLD

Pale gold of the walls, gold
of the centers of daisies, yellow roses
pressing from a clear bowl. All day
we lay on the bed, my hand
stroking the deep
gold of your thighs and your back.
We slept and woke
entering the golden room together,
lay down in it breathing
quickly, then
slowly again,
caressing and dozing, your hand sleepily
touching my hair now.

We made in those days
tiny identical rooms inside our bodies
which the men who uncover our graves
will find in a thousand years,
shining and whole.

Mark Strand

EM CELEBRAÇÃO

Tu te sentas numa cadeira, nada te toca, sentes este velho ser tornar-se um mais velho ser, imaginas toda a paciência da água, o tédio da lápide. Pensas que o silêncio é a página extra, pensas que nada é bom ou mau, nem mesmo a escuridão que preenche a casa enquanto sentado tu a assistes acontecer. Já viste isto acontecer antes. Teus amigos passam pela janela, suas faces encardidas de remorso. Queres acenar-lhes, mas não podes erguer a mão. Tu te sentas numa cadeira. Olhas para a erva-moura que espalha uma rede venenosa ao redor da casa. Provas o mel da ausência. É o mesmo onde quer que estejas, o mesmo mel se a voz apodrece antes do corpo, ou se o corpo é que apodrece antes da voz. Sabes que o desejo leva apenas ao remorso, que o remorso leva à realização que por sua vez leva ao vazio. Sabes que isto é diferente, que isto é a celebração, a autêntica celebração, que consagrando-te a ti mesmo ao nada, serás curado. Sabes que há deleite em sentir os pulmões se prepararem para um futuro obscuro, por isso aguardas, fixas o olhar e aguardas; a poeira assenta e as milagrosas horas da infância brincam na escuridão.

IN CELEBRATION

You sit in a chair, touched by nothing, feeling the old self become the older self, imagining only the patience of water, the boredom of stone. You think that silence is the extra page, you think that nothing is good or bad, not even the darkness that fills the house while you sit watching it happen. You've seen it happen before. Your friends move past the window, their faces soiled with regret. You want to wave but cannot raise your hand. You sit in a chair. You turn to the nightshade spreading a poisonous net around the house. You taste the honey of absence. It is the same wherever you are, the same if the voice rots before the body, or the body rots before the voice. You know that desire leads only to sorrow, that sorrow

leads to achievement which leads to emptiness.
You know that this is different, that this
is the celebration, the only celebration,
that by giving yourself over to nothing,
you shall be healed. You know there is joy in feeling
your lungs prepare themselves for an ashen future,
so you wait, you stare and you wait, and the dust settles
and the miraculous hours of childhood wander in darkness.

Gregory Orr

QUÃO BELA A AMADA

Não serve o soldado
Ao estado? Não é esse o seu
Trabalho? Acaso não
Sonha com feitos heróicos
Ou em dar sua vida
Para proteger a família?

O poeta a quem serve?
O poeta serve à poesia
Cuja forma é a amada
Que pede, não sangue, mas amor.

Breve começará a batalha.
Sempre é véspera de batalha.
Teremos a coragem que precisamos?

O Livro bem seguro, as páginas
Que marcaste com carinho.
Serás bravo o bastante para falar?

*

Nós poetas estamos sempre
Enchendo nossas taças
No rio de Heráclito,
Bebendo à sua saúde,
Brindando com os óculos
Levantados.
Sabemos
Que uma só gota dele
Santifica todo um

Galão de vinho.

Sabemos que é o profundo
Rio do mundo e suas
Ondas através de
Cada página do Livro.

Nós sabemos que a amada
É um castor que mergulha
De sua represa e rodopia
Nos redemoinhos da correnteza.

Ou curva-se sobre seus
Baixios como uma garça
Pronta para nos capturar,
Os peixinhos, com o bico.

*

O Livro disse que somos mortais;
Ele não disse que devemos ser mórbidos.

O livro disse que a amada morreu.
Mas também que ela retornará,
Que renascerá como palavras.

O Livro disse: tudo perece.
O Livro disse: é por isso que cantamos.

*

Quando a amada
Está para um blues,
Não há vivas que lhe animem,
Não há quem a levante
Das profundezas.

Quando a amada
É o blues,
Não há quem a contenha,
Não há quem abafe sua voz
Que vibra nas
Ondas do rádio —
Um lamento baixinho e um grito
Alto.
Ela é a guitarra que soa
Como o trem que vai

Deixando a cidade.
O grito e o lamento —
Onde está preso o teu amor?

*

Tudo o que é gerado deve apodrecer:
Está escrito em algum lugar
No fundo de nós,
Inscrito em nossos ossos.

Nós o sabíamos muito antes
De que pudéssemos ler;
Nós o ouvimos já
No útero da mãe
Como o ritmo de uma canção:
Presença, depois, ausência;
Amor, e então, perda.

Como dançávamos então
Àquela melodia,
Sem nunca nos incomodar em
Perguntar se isso era alegre ou triste
Porque sabíamos que era verdade.

*

Praxila, poeta grega
quase esquecida — esse poema,
Ela o pôs no Livro.

É sobre Aquiles morto
E alguns o consideraram
Indigno por causa da forma com que
Ela o faz nos contar
Desde aquele sombrio
Além-mundo que os gregos
Imaginaram até mesmo
Para seus heróis — nos contar
Aquilo de que mais sentia falta —
Seu poema, uma breve lista:

As estrelas, a lua, o sol
E o gosto de pepinos maduros.

*

Não te incomodes em procurar
Pelo Livro na biblioteca:
Está sempre emprestado.
Pelo que deves ter concluído
Que ninguém jamais o devolve.

Melhor seria coligir
Tua própria versão:
Poemas e canções
Que amas — aqueles
Que o salvaram quando
Fostes jovem
E sofrestes; e também
Aqueles que o consolaram
Quando envelheceste.

*

O que ou quem o Livro
Exclui?
Nada nem ninguém.
Nem uma só folha de árvore.
Nem um cílio.
Nem uma só lágrima ou sorriso.

Ele acolhe todos os amados.
Cobre-os,
Dá-lhes forma de palavras.

Depois os devolve,
Devolve-os para o mundo.

*

Deixar passar, quando tudo o que queres é reter.
Partir, quando tudo o que queres é ficar.

Quase tudo que está no Livro foi escrito
Em um dia assim:

Alguém permanecendo;
Alguém partindo.

Alguém que se cala;
Alguém que tem de falar.

*

Louvar toda a criação, louvar todo o mundo:
Esse é nosso trabalho — manter
Sua doce máquina rodando
Tão suave como lhe for possível.

Consertando com palavras onde ela se desgasta,
Onde ela se quebra.

Com palavras e canções, mantê-la funcionando.
Com carícias sussurradas, lubrificar suas engrenagens.

*

Isto é o que nos foi legado:
Esta terra que a amada deixou
E, deixando-a,
Nos deixou.

Não outro mundo,
Mas este mesmo:
Os salgueiros, o rio
E a fábrica
Com chaminés negras.

Não outra margem, apenas este baixio
Onde os vivos se reúnem.

Nenhum significado senão o que encontramos aqui.
Nenhum propósito senão o que tomamos para nós.

Isso e as instruções claras da amada:
Me transforme em uma canção; cante para me despertar.

*

Quando meu olhar se desvia
Da página,
Vejo quão mortal
Eu sou: minha mão manchada
Repousa sobre o tampo da mesa
Como uma coisa cansada que adormece.

Quando leio o poema em
Voz alta, minha mão revive.
Ela quer dançar
No ar no tempo

Para as palavras.
Ela quer
Fazer um gesto impetuoso
Como se retirasse teias
Ou então abrisse
Uma pesada cortina
Para revelar o mundo.

HOW BEAUTIFUL THE BELOVED

Doesn't the soldier serve
The state? Isn't that his
Or her job? Doesn't
He dream of heroic deeds,
Or she of giving her life
To protect her family?

Who does the poet serve?
The poet serves poetry,
Whose form is the beloved,
Who asks not blood but love.

Soon the battle will begin.
Always, it's the eve of battle.
Do we have the courage we need?

The Book held close, the pages
You cherish clearly marked.
Will you be brave enough to speak?

*

We poets are always
Dipping our cups
In Heraclitus' river,
Drinking its health,
Toasting it with raised
Glasses.
We know
A single drop of it
Sanctifies an entire
Gallon of wine.

We know it's the deep
Stream of the world
And surges through
Every page of the Book.

We know the beloved
Is an otter that dives
From its banks, frolics
In its swirling currents.

Or bows above its
Shallows as a heron,
Ready to seize
The minnow of us in her beak.

*

The Book said we were mortal;
It didn't say we had to be morbid.

The Book said the beloved died,
But also that she comes again,
That he's reborn as words.

The Book said: everything perishes.
The Book said: that's why we sing.

*

When the beloved
Has the blues—
No cheering her up,
No lifting him
From the dumps.

When the beloved
Is the blues,
No keeping her down,
No muffling his voice.
It sounds out
Over the radio waves—
A low moan and a high
Yell.
She's the guitar
Sound like the train
Leaving town.
Moan and yell—
Where is your baby bound?

*

All that's begotten must rot:
That's written somewhere
Deep inside us,
Inscribed on our bones.

We knew it long before
We could read;
Heard it first
In our mother's womb
As a pulse of song:
Presence, then absence,
Love, then loss.

How we danced even then
To that tune,
Never bothering to ask
If it was sad or happy,
Because we knew it was true.

*

Praxilla, almost-forgotten
Greek poet—that poem
She put in the Book.

It concerns dead Achilles
And some considered it
Undignified—the way
She had him speak to us
From that cheerless
Afterworld the Greeks
Imagined, even
For their heroes—speak
Of what he missed—
Her poem a little list:

Stars and moon and sun
And the taste of ripe cucumbers.

*

Don't bother to ask
For the Book at the library:
It's always checked out.
You'd have to conclude
No one ever returns it.

Better to put together
Your own version:
The poems and songs
You love—the ones
That saved you when
You were young
And suffered; and also
Those that consoled you
When you were older.

*

What or who does the Book
Exclude?
No one and nothing.
Not a single leaf on a tree.
Not an eyelash.
Not a tear or a smile.
It welcomes all the beloveds.
Shelters them,
Shapes them into words.

Then gives them back,
Gives them back to the world.

*

Letting go, when all you want is to hold.
Turning away, when all you want is to stay.

Almost all that's in the Book was written
On just such a day:

Someone remaining;
Someone going away.

Someone becoming silent;
Someone who must say.

*

Praising all creation, praising the world:
That's our job—to keep
The sweet machine of it
Running as smoothly as it can.

With words repairing, where it wears out,

Where it breaks down.

With songs and poems keeping it going.
With whispered endearments greasing its gears.

*

This is what was bequeathed us:
This earth the beloved left
And, leaving,
Left to us.

No other world
But this one:
Willows and the river
And the factory
With its black smokestacks.

No other shore, only this bank
On which the living gather.

No meaning but what we find here.
No purpose but what we make.

That, and the beloved's clear instructions:
Turn me into song; sing me awake.

*

When my gaze strays
From the page,
I see how mortal
I am: my mottled hand
Resting on the tabletop
Like a tired thing sleeping.

When I read the poem
Aloud, my hand revives.
It wants to dance
In the air in time
To the words.
It wants
To make a sweeping gesture
As if clearing cobwebs
Or yanking back
A heavy curtain
To reveal the world.

Susan Stewart (1952), crítica, tradutora e professora da Universidade de Princeton. Seu livro de poesias *Columbarium* (2003) recebeu o *National Book Critics Circle Award*.

May Swenson (1913-1989), poeta e dramaturga, natural de Utah. De ascendência sueca, traduziu poetas contemporâneos como Tomas Transtomer. Sua poesia é marcada por forte erotismo e cadência rítmica.

Kay Ryan (1945), natural da Califórnia, sua poesia é elíptica, intensa e concisa. Foi nomeada Consultora de Poesia da Biblioteca do Congresso em 2008.

Donald Hall (1928), além de 15 livros de poesia, também é autor de peças, histórias infantis, contos, biografias e memórias. Dominando tanto as formas fixas quanto o verso livre, a simplicidade de sua poesia leva críticos a filiá-lo à tradição frostiana da oralidade do homem do campo.

Mark Strand (1930), ensaísta e tradutor norte-americano, natural de Summerside, Canadá. Lecionou na então Universidade do Brasil (atual UFRJ), como bolsista Fullbright (1965-66). Traduziu poemas de Carlos Drumond de Andrade (*Souvenir of the Anciente World*, 1976; *Traveling in the Family*, 1986). Recebeu os prêmios Pulitzer (1999) e Wallace Stevens (2004).

Gregory Orr (1947), natural de Albany, professor da Universidade de Virgínia. É autor de nove livros de poesia, concebendo-a como uma forma de sobreviver ao caos emocional e aos eventos traumáticos inerentes à vida.

Luiz Antônio Gusmão, natural do Recife/PE, é mestre em Ciência Política (IUPERJ) e doutorando em Relações Internacionais (UnB).